

## Testemunhos sobre Alfredo Margarido

Apresentam-se cinco testemunhos recentes sobre a vida e obra do Prof. Alfredo Margarido, um dos mais importantes intelectuais portugueses contemporâneos:

1. Carlos Lopes (ONU)
2. Diogo Ramada Curto
3. Artur Queiroz (*Jornal de Angola*)
4. Jornal *O Ribatejo*
5. Manuel Rodrigues Vaz (*África 21*)

### 1. Carlos Lopes (ONU)<sup>1</sup>

Foi com enorme consternação que soube da morte de Alfredo Margarido, essa grande figura intelectual que influenciou parte do meu percurso académico. Quando jovem investigador no Centro de Pesquisas Africanas da Universidade de Paris me apresentei ao lendário Yves Person, ele imediatamente me recomendou que confiasse nos bons conselhos do Professor Margarido.

A sua enorme memória bibliográfica e conhecimento histórico detalhado foi-me de extrema utilidade para completar as pesquisas que contaram com o apoio de nomes tão importantes para mim, como Teixeira da Mota, Luís de Albuquerque e Jean Devisse, todos já falecidos.

A sua generosidade intelectual acabou, paradoxalmente, por afetar o seu reconhecimento mais amplo, visto não ser homem de populismos fáceis nem palavras ocas.

---

1. Sociólogo, Carlos Lopes é um dos mais importantes intelectuais da Guiné-Bissau contemporânea. Autor ou organizador de mais de 20 livros, doutorou-se em História pela Universidade de Paris I (no seu júri de doutoramento participou ativamente, como arguente, o Prof. Alfredo Margarido). Lecionou em várias universidades (Lisboa, Zurique, México, S. Paulo, Rio de Janeiro, etc.). É hoje subsecretário-geral da ONU.

Lembro-me que, como membro da minha banca de doutoramento, ter-me feito suar com as perguntas mais difíceis, dentre os quatro examinadores, numa sessão que foi das 3 às 8 horas da noite naquele edifício da Rue Kléber, no Marais.

Depois de concluída a sessão, veio feliz dizer-me que tinha conseguido provar que merecia a menção mais honrosa. Mas para a merecer tive de suar. Esta anedota epitomiza o carácter único deste intelectual direto, persuasivo e enciclopédico. A sua presença continuará através de seus escritos e obra qualificada, para bem de todos nós.

## 2. Diogo Ramada Curto

Anticolonialista convicto, Alfredo Margarido escreveu ficção, poesia, ensaios. Foi crítico literário, traduziu Faulkner e Joyce e, apesar de ser um dos grandes intelectuais portugueses do século XX, a sua obra é de muitos desconhecida.

Nos últimos anos, Alfredo Margarido foi homenageado pelos que o conheciam e admiravam. Primeiro, num número especial da revista *Lusotopie*. Depois, numa cerimónia que teve lugar na Reitoria da Universidade de Lisboa, em dezembro de 2009. Participei nesta última, ao lado de muitos outros, por me considerar amigo e admirador desse homem de conhecimentos enciclopédicos, espírito crítico e vigilante em tantos domínios da investigação e criação, autor de uma obra tão multifacetada quanto inovadora, sem esquecer a figura do lutador antifascista e anticolonialista.

A sua recusa em «arranjar-se», procurando uma «colocação» em Portugal, após abril de 1974, foi aliás reveladora de uma atitude cívica de desinteresse, que muito poucos podem reivindicar. Tal desinteresse – que hoje seria tomado por uma falta de «estratégia», no modo de conduzir uma carreira nas humanidades e nas ciências sociais – deveria servir de exemplo às gerações mais novas de investigadores universitários que, apesar das duras condições de precariedade em que trabalham, vivem obcecadas com as suas próprias carreiras, sem que tal implique um esforço permanente na criação de ideias e de novas formas.

Estou, aliás, convencido que também Margarido trabalhou sempre em condições de grande precariedade, que lhe valeram uma obra dispersa e fragmentada, desconhecida de quase todos e cujo alcance muito poucos estão em condições sequer de avaliar.

Neste propósito de homenagear a excelência e as múltiplas faces do Alfredo Margarido, nesta espécie de elogio fúnebre, se fosse lido apenas pelos seus amigos e conhecidos, diria que me limito a pregar a devotos. Devo ainda acrescentar que o circunstancialismo, com o que ele implica de emoções e de dor, mais ou menos ritualizadas, dos atos de homenagem e de elogio, não me convence, sobretudo por pensar que não constitui a melhor forma de reconhecer o trabalho e a ética de lutador e resistente do Alfredo Margarido. Prefiro aproveitar esta ocasião para enunciar um problema que está, é claro, ligado a essa imagem do intelectual e homem difícil, diria mesmo extremamente difícil. Conheci o Alfredo, vai para trinta anos, num colóquio em Tomar, a desancar as pseudo-interpretações simbólicas e psicanalíticas que um conhecido professor francês resolvera arriscar acerca da história de Portugal. Depois, continuou, num artigo do *Jornal de Letras*, as críticas às interpretações simbólicas desenvolvidas durante o mesmo colóquio, elaborando uma espécie de sociologia dos agentes orientados para esse tipo de produção de conhecimento.

#### *Carreira frágil*

Ora, o problema que gostaria de enunciar visa ultrapassar o centramento no indivíduo para colocar a tônica num coletivo. Por coletivo restrinjo-me ao da chamada cultura portuguesa, excluindo por ora muitos outros campos de referência, como o francês, um outro de natureza colonial, constituído sobretudo por Angola, São Tomé e Cabo Verde, sem esquecer o Brasil, e tantos outros como os que sugerem, entre as suas dezenas de traduções, a do cubano Alejo Carpentier, feita em 1971. Tudo isto, sem mais precisões, uma vez que os interesses cruzados de Margarido levar-nos-iam, pelo menos, a enumerar o *nouveau roman*, a poesia, a pintura, a escultura, os estudos pessoanos, uma visão bem sociológica da literatura portuguesa, a história ou antropologia do colonialismo português, a teoria da história, os ensaios sobre o Portugal dos séculos XIX e XX, etc.

A questão que coloco é a seguinte: quais são os elementos de uma cultura como a portuguesa que levam a considerar como difíceis, mesmo extremamente difíceis, tantos dos seus membros mal integrados, quer por terem vivido no exílio, quer por terem permanecido interna-

168 mente à margem das instituições, dos círculos de consagração ou dos circuitos mais oficiais, a começar pelos universitários?

Uma pergunta desta natureza tem a vantagem de deslocar o dedo da acusação do indivíduo, com mau feitio e difícil, para atribuir a responsabilidade – neste caso a responsabilidade pela incapacidade de reconhecer uma obra de excelência – a um coletivo. Mais. Uma questão deste tipo afigura-se extremamente incômoda, porque nos torna a todos responsáveis.

Para responder a uma pergunta tão incômoda, tomo em consideração que a cultura portuguesa foi nos últimos trinta anos monopolizada em boa parte pelas universidades. Talvez se encontre nesta monopolização e confinamento, legitimados pela necessidade de aprofundar saberes especializados e científicos, uma explicação para o desprezo a que são votadas as obras e os indivíduos que só a custo podem ser reduzidos a compartimentos estanques, institucionalizados. Ora, a curiosidade manifestada pelo Alfredo Margarido foi sempre dispersa e múltipla – o que não significa falta de rigor e de espírito de investigação sistemáticos. Por isso mesmo, não admira que a melhor forma de o não reconhecer tenha encontrado uma espécie de bode expiatório na personalidade difícil do indivíduo.

A carreira institucional e académica de Alfredo Margarido foi, insisto, frágil ou instável. Ou seja, sucessivas situações em Portugal e em França de precariedade, do ponto de vista do trabalho, terão imposto a Margarido uma carreira demasiado fragmentada e dispersa. Porém, os nexos de causalidade são aqui muito difíceis de estabelecer: a rica dispersão, também ela enciclopédica entre matérias coloniais, a história, a antropologia e a sociologia, sem esquecer o peso essencial de uma orientação literária e artística, como criador e crítico, explica-se provavelmente pela falta de condições para levar a cabo um único projeto, julgado necessário ao reconhecimento académico. Também se pode dizer que a riqueza dessa mesma dispersão favoreceu o contacto de Margarido com os meios políticos e literários, das editoras para as quais fez dezenas de traduções à Casa dos Estudantes do Império e ao Café Gelo, bem como outras iniciativas, como por exemplo a dos *Cadernos de Circunstância* (Paris). Mas não nos podemos esquecer que a ausência de um interesse em criar as condições necessárias para uma carreira académica mais consequente a um homem que nos habituámos a considerar de difícil, sem nunca nos interrogarmos sobre as razões

sociológicas que determinaram esse mesmo qualificativo, nunca foram subvertidas pela figura em causa. Ou seja, Margarido nunca se arranjou – ou colocou –, evocando o seu passado anticolonial e antifascista.

Restringindo, agora, ao domínio da história e das ciências sociais, tanto a obra do Margarido como o campo que poderia ter beneficiado dos seus contributos, devo dizer que os livros e as muitas dezenas de artigos da sua autoria ainda não produziram o efeito que, estou certo, virão a ter quando forem reunidos. A preguiça e a falta de curiosidade que grassam no meu campo explicam o desconhecimento da obra em causa ou um conhecimento muito fragmentado da mesma. Mas estou também convencido que – dadas as relações pessoais, o peso dos chefes de pseudo-escolas, ou as clientelas que a coberto de uma institucionalização organizam o campo em que a história é produzida, ensinada e posta ao serviço de um mercado comercial e político de bens nacionais – a falta de discussão em torno da obra do Margarido se deve a uma ausência de interesse por serem poucas as recompensas, no plano prático e simbólico, que adviriam de uma política de citações de alguém que se desconhece por ser considerado um marginal. Só esta razão, aliás, explica que a obra extremamente inovadora do Margarido, no plano da história colonial e dos atrasos no desenvolvimento nacional, seja ignorada.

#### *Um novo tempo*

Estou convencido que o meu argumento principal já terá ficado demonstrado: a ignorância que afeta o meio a que pertence é reveladora não da personalidade difícil em causa, mas da falta de interesse e, no fundo, das poucas compensações práticas e simbólicas, que implicariam o seu uso e discussão. Tanto mais quanto, nos dias de hoje, sobretudo nos campos mais entrincheirados académica e disciplinarmente, que são também os mais inseguros do ponto de vista da consistência dos projetos de investigação em história e ciências sociais, a melhor forma de lidar com a dispersão representada pela obra de Margarido consiste em ignorar a sua obra ou simplesmente esquecê-la. A universidade, mundo da rotina, da sebenta servida na forma de apontamentos, da falta de investigação original, do respeito e reverência pelos chefes de escola, preferiu ignorar quem criou, inovou e trabalhou arduamente.

170 Será que denunciar esta situação poderá ajudar a dar início a um novo tempo?

Pela minha parte, tenho esperança de, pelo menos, vir a contribuir para a publicação de dois volumes de textos que andam dispersos, alguns deles inéditos, que Alfredo Margarido escreveu e Isabel Castro Henriques organizou, sobre História, Antropologia e Colonialismo.

### 3. Artur Queiroz do *Jornal de Angola*

Alfredo Margarido entrou na minha vida através das tertúlias literárias organizadas pelo Manuel Rodrigues Vaz na sua casa por cima da pastelaria Paris, aqui mesmo na Rua Rainha Jinga. Acácio Barradas, que com ele conviveu intensamente nos anos 50 e até à sua expulsão de Angola, falava dele com grande entusiasmo e admiração. Fiquei contagiado e um dia pedi-lhe as suas obras.

Barradas tinha tudo dele e eu tudo li. Guardo para sempre na memória os *Poemas para uma Bailarina Negra*. E um belíssimo texto sobre Cabinda. Quando chegou a Angola, depois de uma passagem por São Tomé, rapidamente se pôs contra o colonialismo e conspirou com os membros das várias organizações nacionalistas que acabaram por se fundir no MPLA.

Trabalhou afincadamente no Fundo das Casas Económicas, instituição que pretendia resolver o problema da habitação numa colónia onde apenas alguns tinham direito a uma casa digna. Alfredo Margarido rapidamente conquistou a amizade e o respeito das famílias tradicionais luandenses. E com a sua proverbial frontalidade, escrevia artigos contra o sistema, na imprensa de Luanda e de Lisboa. A ousadia valeu-lhe a expulsão de Angola. O governador Horácio Sá Viana Rebelo, militar de carreira, não lhe perdoou a participação cívica e Alfredo Margarido foi recambiado para Lisboa.

Vim a conhecê-lo pessoalmente, anos mais tarde, em Paris. Solidário como poucos encontrei na vida, ajudou-me a convencer o Professor Jacques Leenhardt a aceitar a minha candidatura em Sociologia da Literatura, na École Pratique des Hautes Études. Dispôs-se a ir comigo à Rue Monsieur Le Prince apresentar-me ao diretor do curso.

Voltei a encontrá-lo, muitos anos depois, no Porto. O Clube de Jornalistas organizou um jogo de futebol com a banda de Chico Buarque de Holanda, que estava em digressão na Europa. O Professor Arnaldo

Saraiva era «atleta» da equipa dos jornalistas, porque pertencia ao quadro de colaboradores permanentes do Jornal de Notícias. Alfredo Margarido apareceu no Estádio do Bessa com o seu amigo Arnaldo.

Durante o jogo assumiu o cargo de treinador da equipa dos jornalistas e no intervalo falou com os «atletas» como um verdadeiro «mister». Até no futebol era sábio!

Alfredo Margarido foi grande em tudo: pensador, académico, escritor, poeta, crítico literário, teorizador de arte, artista plástico, apaixonado por África, mas rejeitando sempre os equívocos e os paternalismos que se abrigam sob a capa da lusofonia.

No momento em que partiu numa viagem sem retorno, aqui deixo três textos de homenagem a Alfredo Margarido, escritos pela Professora Inocência Mata, pelo Professor Adelino Torres e pelo Professor António Branquinho Pequeno.

As três mensagens foram lidas pelos autores na cerimónia de cremação do corpo de Alfredo Margarido. O académico Adelino Torres, um dos mais ilustres filhos de Angola, cedeu-me os textos para fazer um resumo. Mas estas belas mensagens já são resumos do imenso que há para dizer de Alfredo Margarido.

#### 4. Jornal *O Ribatejo*

Elogios em memória de Alfredo Margarido: «Gostei da forma simples mas não esquecida, como *O Ribatejo* escreveu o “breve epitáfio a Alfredo Margarido”», diz-nos João Teodoro Miguel, que nos enviou por e-mail os elogios lutuosos proferidos em memória do Prof. Alfredo Margarido, nosso comum amigo e inesquecível colaborador deste jornal, no momento da cremação dos seus restos mortais, a 14 de outubro, no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

Três notáveis intervenções lidas na cerimónia fúnebre, por Adelino Torres, António Branquinho Pequeno, Inocência Mata e, ainda, um sublime improvisado nas palavras de Fernando Pereira Marques. Todos eles professores universitários, todos eles companheiros de jornada marcados pela grandeza intelectual de Alfredo Margarido.

Textos que podem ser lidos na íntegra na edição online de *O Ribatejo*, e de que aqui respigamos algumas palavras: «Todos Ihe devemos alguma coisa, portugueses, franceses e, em especial, os jovens africanos que constroem, na atualidade, a África de amanhã». Ou ainda:

172 «Com ele, a palavra “africanista” ganhou uma outra dimensão: a do respeito pelos africanos».

Ou este registo, mais socialmente reflexivo do nosso comum amigo Branquinho Pequeno: «Há quem tenha recebido em vida, da sociedade, das instituições e governantes, mais do que mereciam, mais do que lhes cabia. E há quem tenha dado muito e recebido bem pouco e mal. Foi este o caso de Alfredo Margarido. (...) Creio que ele tinha consciência, talvez amargamente, que a ousadia e a frontalidade são, de algum modo, companheiras de muita solidão».

## 5. Manuel Rodrigues Vaz da revista *África* 21

Ensaísta, poeta, ficcionista, tradutor, artista plástico e sociólogo, Alfredo Margarido faleceu, com 82 anos, a 12 de outubro em Lisboa. Era natural de Moimenta, Vinhais (Portugal), e foi um dos maiores estudiosos e divulgadores das literaturas africanas de expressão portuguesa, passe a «expressão», de que não gostava, alertando para o lastro neo-colonialista patente na nomeação: «Não se trata de escrever em língua portuguesa, mas de se manter fiel à expressão portuguesa, o que seria contraditório com a substância nacional da escrita».

Para além do que fez, o mais importante foi a sua posição anticolonial em locais como São Tomé e Angola, e numa altura (década de 50) em que era completamente tabu pôr em questão a presença portuguesa nas colónias, posição que prosseguiu até ao fim da sua vida, pois ainda há bem pouco tempo punha em causa o próprio termo «descolonização», afirmando que tal termo «quer simplesmente dizer que foram os portugueses, os colonizadores, que libertaram os dominados, “descolonizando-os” (...) Vistas assim as coisas, os portugueses aparecem como os únicos atores do processo político: colonizadores graças às malhas que o Império tece, mas também descolonizadores, quando se trata de destorcer as mesmas malhas».

Alfredo Margarido foi, antes de mais, um cidadão coerente e um intelectual comprometido, arrostando firmemente com muitas incompreensões e pressões. A sua defesa do artista surrealista Cruzeiro Seixas, quando este montou uma célebre exposição nas ruínas do Palácio de Dona Ana Joaquina, que causou grande escândalo em Luanda nos idos de 1954, ia-lhe valendo a explosão da colónia, mas nada o demoveu dos seus propósitos.



Ao mesmo tempo, foi frontalmente autor de uma crítica cáustica à negritude, publicada em livro pela Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, em 1964, defendendo sempre uma visão da literatura como atividade decorrente do processo de produção material e das relações sociais e não das raças, primando, portanto, por uma grande objetividade e independência espiritual.

Considerado como um dos grandes intelectuais portugueses da segunda metade do século XX, estudou na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e chegou a expor os seus trabalhos em Portugal antes de ir viver para África, no início dos anos 50. Trabalhou primeiro na produção agrícola em São Tomé e Príncipe, transferindo-se a seguir para Angola, onde foi responsável pelo Fundo das Casas Económicas, corporação que pretendia resolver o problema de habitação da classe média ascendente. Todavia, nos finais de 1957, em consequência de artigos que publicava no *Diário Popular*, de Lisboa, denunciando situações de discriminação racial, Margarido recebeu do Governador-geral de Angola, Horácio Rebelo, uma ordem de expulsão do território, deixando, à pressa, o seu espólio literário nas mãos dos jornalistas Acácio Barradas, falecido em novembro de 2008. Entre as várias publicações em que colaborou, salientem-se *Boletim de Cabo Verde* e *Boletim da Guiné*.

A partir de 1964 instala-se em Paris, onde se formou em Ciências Sociais e foi investigador da École des Hautes Études, ao mesmo tempo que lançava, com um grupo de exilados portugueses, a revista *Cadernos de Circunstância*.

Além dos problemas africanos, dedicou-se à sociologia da literatura, tendo-se salientado como poeta, cuja obra apresenta elementos surrealizantes, e ficcionista, qualidade em que foi um dos instrutores do *nouveau roman* francês em Portugal.

Mas foi como ensaísta e crítico literário que desenvolveu uma atividade mais continuada, tendo deixado disperso por várias publicações um extenso conjunto de estudos, designadamente sobre Fernando Pessoa, um dos autores que mais o interessaram. A cultura portuguesa deve-lhe ainda traduções de obras de Nietzsche, Joyce, Faulkner, Steinbeck e Kafka, entre muitos outros, incluindo Melville, de quem traduziu o gigantesco *Moby Dick*.